



Os dois gatinhos



Naquela noite, houve uma terrível tempestade. Tão terrível que as árvores se dobravam e estremeciam, os prédios se agitavam e tremiam, e o vento agreste e feroz deambulava pela cidade, levantando tudo no seu caminho.

— O que é isto? — assobiou ele, soprando na direção de uma gatinha ruiva e lançando-a bem alto no ar.

— Isto está a ficar muito divertido! — rugiu o vento de novo, enquanto perseguia um gatinho cinzento, batendo-lhe nos calcanhares e puxando-lhe a cauda.

Quando o vento se cansou da brincadeira, os dois gatinhos tinham sido levados para bem longe de casa.

— Sinto-me tão perdido! — soluçou o gatinho enquanto lambia uma pata ferida.

— Estou tão assustada! — choramingou a gatinha. — Está tudo tão escuro e não sei como ir para casa...



Ao longe, porém, ouviam-se vários sons e um miar repetido. A gatinha ruiva virou o ouvido para um lado, o gatinho cinzento virou o ouvido para o outro, e cada um deles seguiu o som de gatos que miavam até ao lugar onde se encontravam.



— Finalmente! — gritou, feliz, a gatinha ruiva, quando sentiu o calor de alguns gatos que se esfregavam uns nos outros, e que a fizeram sentir-se segura.

— Salvaram-me! — disse o gatinho cinzento, enquanto outros o lambiam das orelhas às patas em sinal de boas-vindas.

E ambos os gatinhos dormiram em paz naquela noite, embalados por sons e cheiros familiares.



Contudo, mal o dia amanheceu...

— Olhem! — gritou um gato cinzento, alarmado ao ver uma gatinha ruiva.

Os outros gatos olharam e viram que, de facto, a gatinha não era cinzenta...



— Por acaso perdeste o casaco na tempestade? — perguntou um gato, amavelmente. — Vamos ajudar-te a procurá-lo.

Mas, embora procurassem por todo o lado, nenhum deles encontrou um casaco cinzento. Os gatos sentiam-se deveras intrigados.



— Que aconteceu ao teu pelo? — perguntou a gata ruiva mais velha, ao ver um gatinho escuro ao seu lado. — Porque será que estás tão cinzento?

Os outros gatos aproximaram-se e observaram o bichinho, admirados.



— Acho que ele está muito sujo! — observou um gatinho, maroto.

Então, os gatos todos começaram a lambê-lo com as suas línguas ásperas. Lamberam-no tanto que o pelo ficou limpo e brilhante. Contudo, continuou cinzento e os gatos continuaram confusos.



Pouco depois, a gata mais velha deu um passo em frente.

— Este bicho não é um dos nossos! — declarou, com o sobrolho carregado.
— Isso quer dizer que vem do outro lado!

— DO OUTRO LADO? — gritaram os outros gatos em uníssono, alarmados.

— M...m...mas as criaturas ...do...do...do outro la...lado...são...são mon...monstros! — gaguejou um gato, que se escondera por detrás do muro.

— Comem tudo aquilo que mexe! — disse um gato anafado.

— E são sujos e cheiram muito mal — acrescentou outro, franzindo o nariz.

Os gatos olharam novamente para o gatinho cinzento, que estava sentado diante deles com os olhos bem arregalados.



Todos concordaram que ele tinha de ser expulso.



Indefeso e só, o gatinho rastejou até ao parque. Quando olhou para trás, para os gatos que rosnavam e escarneciam, sentiu medo.



Depois de caminhar durante muito tempo, encontrou finalmente o caminho de casa.

— Por onde andaste? — perguntou o pai. — Estávamos tão preocupados!

— A tempestade levou-me para o outro lado.

— M...m...mas do...do... outro lado só vivem mon...monstros — gaguejou um gatinho escondido atrás de uma árvore.

— Monstros sujos e malcheirosos — acrescentou outro. — Pior não te podia ter acontecido...

— Deve ter sido terrível — disse uma gata em tom maternal. — O que te fizeram?

— No início, nada. Mas quando viram que era diferente deles, ficaram agressivos e expulsaram-me. Disseram que parecia um monstro. Tive muito medo.



— Um monstro, tu? Que ridículo! — disse a mãe do gatinho. — Como puderam ser tão maus para ti, tu que és um gato tão pequenino?

Mas, mal pronunciara estas palavras, lembrou-se de um episódio anterior.

— Creio que também nós cometemos um erro terrível — reconheceu.

Sem precisar de explicações, todos os gatos olharam para o chão, envergonhados, e recordaram-se da manhã em que tinham encontrado a gatinha ruiva e lhe tinham chamado nomes. Também eles a haviam expulsado.

— Chamámos-lhe monstro, só porque era diferente de nós...

O gatinho continuou o seu relato:

— Quando acordei, depois de ter sido salvo da tempestade, fiquei chocado ao ver tantas criaturas estranhas, mas depois compreendi que eram todos gatos como nós, apenas com uma cor diferente. Havia um gato anafado igualzinho ao Chota e uma gata muito simpática como a Lamy. Um até tinha a cauda igualzinha à minha. E se fôssemos ao outro lado? Talvez pudéssemos ver melhor...

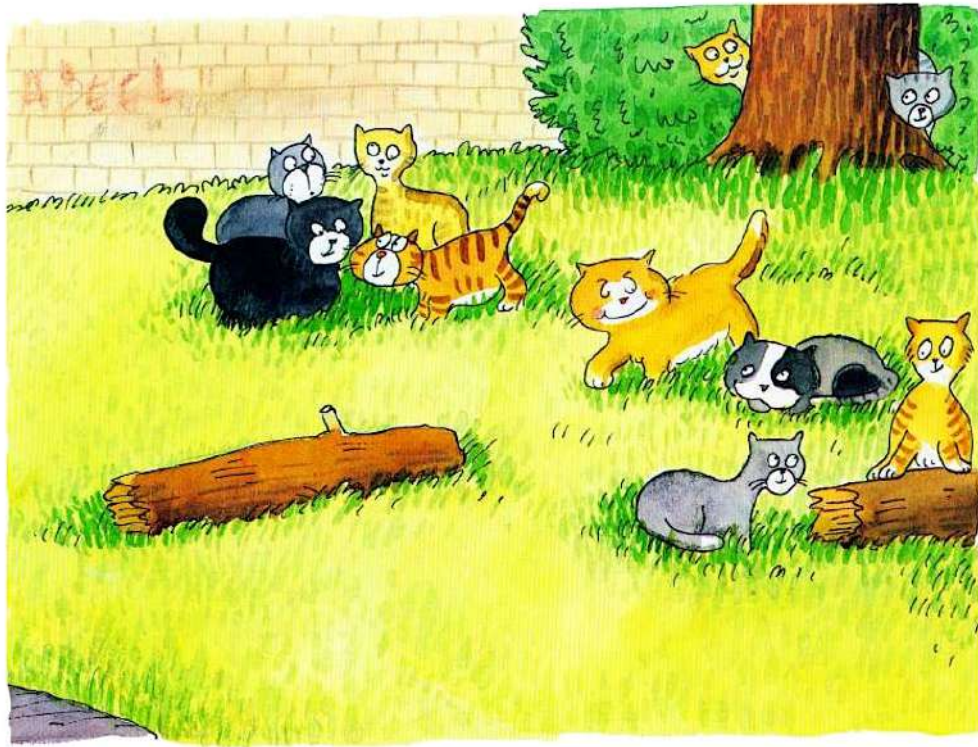


Todos concordaram em ir e puseram-se a caminho, liderados pelo gatinho.

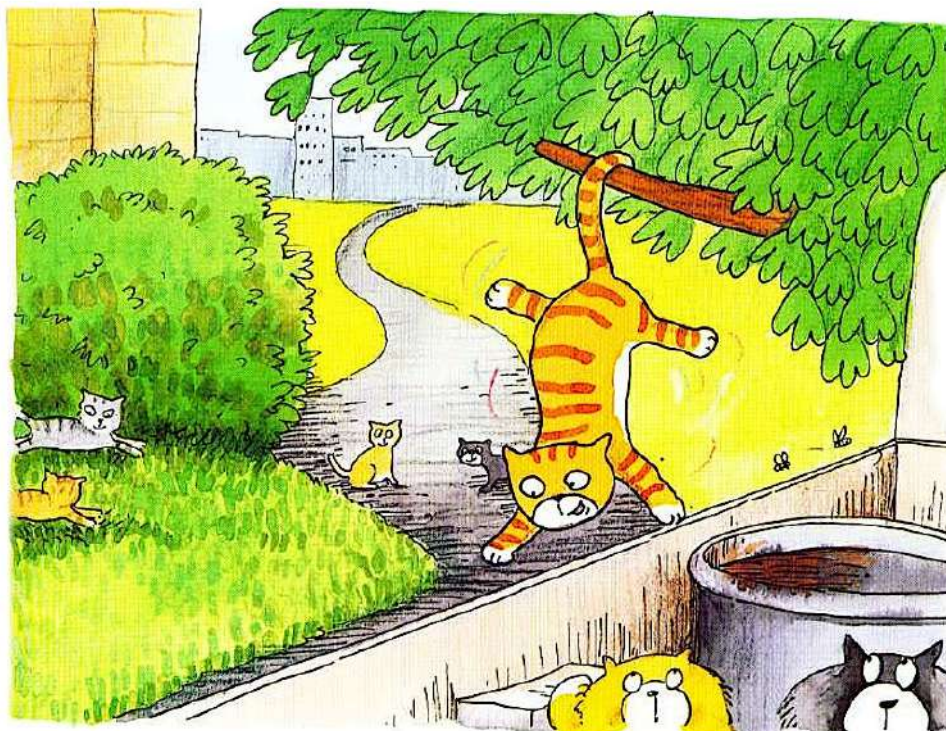
Porém, quando chegaram a meio do parque, ficaram frente a frente com o grupo dos gatos ruivos.

Os dois grupos olharam-se longamente. Os narizes sentiam comichão, as orelhas contorciam-se e as caudas moviam-se de um lado para o outro.

Foram-se aproximando pata ante pata, fascinados com o que viam.



Afinal, os outros não eram monstros, mas gatos como eles. Exatamente como eles!!



Bem...quase!!

Kathy Keirle Ali; Adeel-uz-Zafar (ill.)
A Tale of Two Kittens
 Human Rights Education Programme - Pakistan, 2001
 (Tradução e adaptação)